

Relato de Fortaleza

Por Josiane Vill e Maria das Graças Brightwell

O Encontro Nacional da ANPEGE – Associação Nacional da Pós-Graduação em Geografia - tem como objetivo reunir alunos e professores dos Programas de Pós Graduação. O VI Encontro aconteceu em Fortaleza, capital do Ceará, entre os dias 17 e 23 de outubro de 2005. A Revista Discente Expressões Geográficas/UFSC esteve lá representada pelos mestrandos Josiane Vill, Graça Brightwell e Luiz de Vasconcelos.

Fortaleza faz parte do imaginário de qualquer aluno de Geografia, seja por suas belezas naturais seja por seus contrastes sociais. Mas principalmente devido a um fato histórico de especial importância para a Geografia: foi em Fortaleza que em 1978 a corrente chamada de Geografia Crítica ganhou dimensão e propôs reformas na AGB (Associação Nacional de Geógrafos).

Na realidade o movimento de mudança na Geografia teve seu início bem antes de 1978 e os atores principais que impulsionaram esta mudança não eram da academia, segundo Charles (2001) “para a Geografia, o processo de renovação teve início e meio na intervenção daqueles que estavam fora da academia – os professores de 1º e 2º graus, e naqueles que estavam na universidade e que eram tratados como espectadores - os estudantes. Foi a união destes dois segmentos que garantiu o processo de renovação”.

Porém a importância de 1978 como marco para estas mudanças que já vinham ocorrendo é inquestionável, já que, segundo Moreira (2000) quando *os geógrafos brasileiros reúnem-se em Fortaleza, no 3º Encontro Nacional de Geógrafos, da AGB, a geografia brasileira vivia já um estado de grande ebulição. E isto pelo menos desde 1974. Nos vários cantos do país movimentos de crítica e renovação, espontâneos, difusos e, portanto, sem hegemonia nacional vinham acontecendo. O 3º ENG possibilitou o olhar recíproco, o conhecimento dos protagonistas uns dos outros, a conscientização dos descontentamentos que promovem a necessidade das mudanças e a aglutinação das idéias que precipitam a crise da ciência”.*

O lançamento do livro *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*, do professor Milton Santos, lançado em Fortaleza deu a este

movimento de mudanças segundo Moreira (2000) o que faltava: a base da sistematização das idéias. E assim a geografia brasileira tomou novos rumos e a estrutura da AGB também mudou significativamente, passando a permitir a participação de estudantes e de outros geógrafos que até então não estavam contemplados nos quadros desta instituição.

Porém, estas transformações não foram aceitas de forma unânime, conforme podemos observar em alguns depoimentos recentes de geógrafos envolvidos no processo. Maria Adélia (2003) apresenta algumas críticas sobre Fortaleza: (...) *O IBGE a gente não pode esquecer, porque deu nesse país uma legitimidade para a nossa carreira e nossa disciplina, que depois se perde, com a pseudo- geografia militante, e que tem no Milton um grande culpado, diante dos eventos de Fortaleza junto com o Armem. Aquilo foi a meu ver um equívoco e uma confusão para trocar alhos por bugalho, e que paga um preço muito caro até hoje, de gente que não tinha condição de entender a proposta dele e que depois ele perdeu o controle.*

José Bueno Conti (2002) também expõe sua crítica a respeito do movimento: *Nem todos apoiaram esse movimento que foi vitorioso na época. Eu estava entre aqueles que não apoiaram, mas eu estava em uma minoria. fazia parte da diretoria da AGB e como estávamos do outro lado fomos transformados em alvo, porque para eles (movimento crítico) nós representávamos o passado, oferecíamos resistência à entrada da geografia crítica. Foi marcado uma assembléia de reforma dos estatutos em julho de 1979 e ocorreu o que considerei um acontecimento dramático. Enquanto que a outra parte considerou uma grande vitória, e que até hoje é celebrada, 22, 23 anos depois, eu digo que o que houve na Assembléia em São Paulo foi um processo muito tumultuado, nenhum respeito às opiniões divergentes e até uma certa truculência. Os estatutos não foram observados e o poder foi tomado por aclamação, num verdadeiro golpe de força. E se estabeleceu um novo modelo de AGB, que é este que está até hoje. Houve, porém um grupo atingido por essa mudança, e eu estava nele. Fiz um documento dizendo que teria aceitado a situação se ela tivesse ocorrido dentro dos termos do estatuto e houvessem sido respeitados os direitos dos que tinham uma posição contrária mas isto não aconteceu. Pedi exclusão do meu nome do quadro social da AGB. O meu pedido de demissão foi imediatamente aceito e o meu nome excluído, numa demonstração de que os tempos não eram de diálogo nem de pluralismo de posições e saí do quadro da AGB.*

O Encontro Nacional da ABG em Florianópolis (2000) e depois em João Pessoa (2002) tiveram um papel importante de resgate da AGB, formando, talvez, um novo caminho depois das divergências de 1978. Agora em 2005, 27 anos depois, o que Fortaleza e a Geografia Brasileira apresentaram de novo?

Sem dúvida, este encontro em Fortaleza reuniu alguns dos mais renomados geógrafos brasileiros e foi também um rico momento de troca com outros colegas do Brasil, abrindo um importante canal de divulgação da Revista Discente Expressões Geográficas. Porém algumas observações nos cabem como alunos de pós-graduação e como participantes do processo de construção da geografia em nosso país.



Mesa de abertura – Foto de Graça Brightwell

O encontro de fortaleza seguiu o modelo que vem tornando-se bastante comum no Brasil para encontros científicos: eventos realizado em hotéis e com organização de empresas especializadas em eventos, o que torna tudo bastante impessoal. A estrutura interna seguiu o modelo já conhecido dos encontros da AGB, com mesas redondas, comunicações coordenadas e espaços de diálogo. Algumas mesas redondas e comunicações coordenadas acontecendo simultaneamente obrigando o participante a fazer escolhas que por vezes se mostraram frustrantes, ou ainda fez com que aquele participante mais ativo ficasse pulando de sala em sala para absorver o máximo de ensinamentos que estas discussões possibilitavam. Já com relação aos espaços de diálogos o problema já detectado em encontros da AGB nacional e comentado sempre por alguns participantes ocorreu também em Fortaleza: salas com muitas apresentações, tempo determinado de “dez minutos” para cada apresentação e pouco tempo para as discussões e contribuições aos autores sobre seus trabalhos. Um sistema muito

frustrante para aqueles que desenvolveram pesquisas e que, quando esta é exposta não recebe nenhuma crítica.

Enfim, para finalizar este relato, gostaríamos de compartilhar com os leitores algumas questões que nos inquietaram: Qual o papel dos estudantes de geografia hoje na construção de uma reflexão geográfica? A estrutura dos encontros promovem debates e reflexões democráticas sobre o conhecimento geográfico? Os encontros organizados com base no modelo atual possibilitam um espaços de troca e discussão acadêmica ?

Não poderíamos encerrar sem antes agradecer formalmente ao amigo Felipe Franklin de Lima, que gentilmente nos mostrou as várias faces de Fortaleza possibilitando-nos um melhor entendimento das diferenças sociais e espaciais da cidade e ao professor Roberto Lobato Corrêa, pelo convite para a excursão inesquecível a Morro Branco, Aracati e Canoa Quebrada.

Falésias na Praia de Morro Branco – Ceará



Foto: Josiane Vill

As Falésias são formas de relevo litorâneo abruptas ou escarpadas, ou ainda desnivelamentos de igual aspecto no interior do continente. O trabalho do mar nas falésias se faz pelo solapamento da base. A falésia representa o resultado do trabalho do mar como, também, dos outros tipos de erosão na topografia costeira. No litoral brasileiro do Espírito Santo, para o norte, temos, por vezes, bons exemplos de falésias trabalhadas em terrenos da série das barreiras (Gerra, Gerra, 1997) Em Morro Branco as

falésias são lindas e com formações exuberantes. Um passeio no interior desta formação permite perceber as diferentes tonalidades que os sedimentos (areia) possuem. Está areia é utilizada pelos artesãos na confecção de pequenos souvenirs.

Vista do alto das Falésias Morro Branco - Ceará



Foto: autor desconhecido

Vista parcial da orla de Fortaleza no final da tarde

A Avenida Beira Mar em Fortaleza com seus prédios exuberantes, mostra a dinâmica desta cidade, onde o turismo é uma atividade de destaque. Os hotéis da Avenida Beira Mar hospedam milhares de turistas, principalmente estrangeiros. O calçadão da avenida, é um dos pontos mais populares da cidade: diariamente, turistas e moradores locais caminham por sua extensão ou consomem nos inúmeros bares e restaurantes que estão por toda a orla. Porém é nesta linda paisagem que mostram-se algumas das facetas mais incômodas do desenvolvimento capitalista desigual: um sem-número de trabalhadores informais, uma massa cada vez maior de pessoas desempregadas que fazem do “pedir alguma ajuda” sua profissão e a desavergonhada face da exclusão social: a exploração sexual de crianças e adolescentes.



Foto: Graça Brightwell

Praia de Canoa quebrada – Ceará

A praia de Canoa Quebra é considerada uma das mais belas do mundo. O lugar tem um ar tranquilo e a contemplação da praia e do mar do alto das falésias é algo indescritível.



Foto: Graça Brightwell

Bibliografia

MOREIRA, R. Assim se passaram dez anos: a renovação da Geografia no Brasil (1978-1988). Geografia, Revista do programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói, ano II, n. 3, pg. 25-49, semestral, 2000.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. Entrevista na GEOSUL. n. 35. Florianópolis, v. 35, jan/jun. 2003. pg. 172-209.

CONTI, José Bueno. Entrevista na Geosul n. 33. Florianópolis, v. 17, n.33 jan/jun. 2002. pg. 205-222.

ANTUNES, C. da F. Os estudantes e a transformação da Geografia Brasileira. In: Geografares, Vitória, n.2, jun/2001.

GUERRA, A. T. GUERRA, A. J. T. Novo Dicionário Geológico-Geomorfológico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.